

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

GRAZIELA MELO TRAJANO

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

CRICIÚMA

2013

GRAZIELA MELO TRAJANO

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2013

GRAZIELA MELO TRAJANO

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de Novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Bruna Scarabelot - Especialização - (UNESC)

Prof.^a Simone das Graças Nogueira Feltrin – Especialização - (UNESC)

Dedico este trabalho aos estudantes da Educação Especial. *“Aos olhos do pai você é uma obra prima que ele planejou, com suas próprias mãos pintou a cor de sua pele, os seus cabelos desenhou cada detalhe um toque de amor.”*

(Ana Paula Valadão)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado e me guardado em todos os momentos.

Agradeço a minha família pelo amor e apoio, ao meu pai Raulino (in memória) que mesmo em outro plano sinto seu cuidado e intercessão.

A minha querida mãe, exemplo de mulher de força e coragem que me ensinou a nunca desistir.

Agradeço aos amores da minha vida, meu esposo Jones pelo incentivo e compreensão recebido durante esses quatro anos, sem o qual não teria cursado e concluído o curso.

A minha amada filha Julia presente de Deus para nós, obrigada por ser uma filha tão admirável, estudiosa e querida por todos.

A minha irmã Janieli que por intermédio dela cresci amando e respeitando as pessoas com deficiência o que contribuiu para a construção deste trabalho.

A minha irmã Adriana pelas palavras de apoio e ânimo sempre disposta a me ajudar e encorajar.

A minha querida orientadora Édina, professora que me identifiquei muito. Agradeço pelo exemplo, dedicação e sabedoria sem a qual esta pesquisa não se realizaria.

Aos meus amigos em especial a Ana, Bruna, Danieli, Diego, Eduarda e Gislaine que caminharam comigo durante esse tempo de aprendizagem, pelas conversas, lágrimas e gargalhadas ficarão sempre guardados em meu coração.

Agradeço aos professores que me acompanharam nesta trajetória e contribuíram para minha formação.

Em especial agradeço a minha banca examinadora por aceitarem o convite e se disponibilizarem a contribuir com seu conhecimento.

Agradeço a toda turma pelas trocas e conquistas alcançadas.

Deixo meu agradecimento em canção a todos que fizeram parte e contribuíram para a realização deste trabalho.

Amigos Pela Fé

Quem me dará um ombro amigo
Quando eu precisar?
E se eu cair, se eu vacilar,
Quem vai me levantar?
Sou eu, quem vai ouvir você
Quando o mundo não puder te entender
Foi Deus, quem te escolheu pra ser
O melhor amigo que eu pudesse ter.
Amigos, pra sempre
Bons Amigos que nasceram pela fé
Amigos, pra sempre
Para sempre amigos sim, se Deus quiser.
Quem é que vai me acolher,
Na minha indecisão
Se eu me perder pelo caminho
Quem me dará a mão
Foi Deus, quem consagrou você e eu
Para sermos bons amigos, num só coração
Por isso eu estarei aqui
Quando tudo parecer sem solução
Peço a Deus que te guarde
que te guarde, abençoe e mostre a sua face
E te dê a sua Paz.

(Dalvimar Gallo, Anjos de Resgate)

A todos sem exceção, meu muito obrigado!

“Você sabe o que é a música? É um lembrete de Deus de que tem alguma coisa entre nós, no universo, ligação harmônica em todos os seres vivos em todo lugar e até nas estrelas.”

(August Rush)

RESUMO

Este estudo traz como tema um olhar sobre a linguagem musical na educação especial. O trabalho de conclusão de curso tem como objetivo compreender de que forma os professores de artes estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos na educação especial. A música é uma linguagem artística extremamente rica e tem muito a contribuir nas aulas de artes da educação especial, onde é bem aceita pelos educandos sendo que essa é uma forma de arte presente no cotidiano de todos nós e traz contribuições em diversos aspectos. Desde que a lei n. 11.769/08 foi aprovada tornando a música como conteúdo obrigatório, os professores de artes a veem como um novo desafio. Embora muitos não tenham o conhecimento sobre a lei cabe ao professor, como pesquisador, buscar meios de desenvolvê-la nas aulas de artes e nesse contexto surge o problema da pesquisa: De que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos? Este estudo desenvolveu-se na perspectiva da pesquisa básica dentro de uma abordagem qualitativa sobre a construção do referencial teórico e na pesquisa de campo realizada a partir de um questionário dirigido a professoras de artes das APAEs da cidade de Sombrio, São João do Sul e Praia Grande, em Santa Catarina. A pesquisa demonstrou que existe reconhecimento sobre a importância da linguagem musical e as professoras trabalham essa linguagem em suas aulas de artes por meio de canto e danças e de atividades na qual o aluno possa ouvir, escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons. Também acreditam que com a música é possível experimentar sensações agradáveis que conseqüentemente geram aprendizagem e sensibilidade. Conclui-se para tanto que é necessário que os professores de artes da educação especial devam estar em constante processo de busca e aprendizagem a fim desenvolver seu trabalho em arte contemplando todas as linguagens artísticas, dentre elas a música, proporcionando aos seus educandos a ampliação de diversos conhecimentos, a partir de práticas de ensino significativas.

Palavras-chave: Educação Especial. Ensino da arte. Música.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais

FUCAP Faculdade Capivari

LDB Lei de Diretrizes e Bases

PCSC Proposta Curricular de Santa Catarina

PETI Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM POUCO DA HISTÓRIA.....	14
3 O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	17
4 FAZENDO MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	21
5 MUSICALIZANDO NAS AULAS DE ARTES	25
6 PROJETO DE CURSO	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE(S).....	38

1 INTRODUÇÃO

Trago para a introdução desta pesquisa, duas questões que fazem parte da minha vida. A minha história com a música segundo falas de minha mãe, começou nos meus primeiros meses de vida. Eu era uma criança tranquila, porém não dormia se o rádio não estivesse ligado. E fui crescendo em uma família onde meu irmão tocava violão no quarto, os pais cantavam no coral. Lembro-me quando meu pai ia a outras cidades em busca de novas músicas, quando chegava com as fitas, nós escutávamos, aprendíamos as letras, melodias para depois levar para o coral da igreja. Geralmente eu aprendia com mais facilidade, pois escutava, escutava até aprender e tentava incessantemente alcançar os tons na maioria das vezes altos para minha voz de criança enquanto aguardava os treze anos para fazer parte do coral.

Passou o tempo e fui me afastando. Perdi meu pai aos quatorze anos e as coisas mudaram muito. Numa noite, eu e minha mãe fomos a um encontro de jovens e ao final do encontro um ex-colega de coral me convidou para ajudá-lo no ministério de música e começamos a ensaiar.

A partir desse momento, desse contato com a música comecei a me sentir melhor, a tristeza tinha ido embora: é como se a música me devolvesse algo que havia perdido e acredito que seja assim com outras pessoas. Hoje, desenvolvo o trabalho como professora de musicalização no ensino regular no qual sinto muito prazer e carinho pelo que faço.

Lembro-me de poucas coisas da minha infância; acredito que o que mais me marcou foi quando nasceu minha irmã mais nova, Janieli. Uma das lembranças mais precisas que trago na memória foi quando fomos buscá-la no hospital. Alguns dias depois do nascimento foi constatado que ela tinha síndrome de Down e assim, desde cedo tive contato com educação especial, pois acompanhava minha irmã na APAE, já que precisava de acompanhante. Cresci amando e respeitando as pessoas com deficiência.

Neste ano estou trabalhando/lecionando como professora de artes na mesma APAE que minha irmã estuda e tive uma experiência quando estava na sala dela, turma de serviço pedagógico específico - Ocupacional. Nessa sala/turma estudam três meninas e nenhuma delas fala. Cantei para elas a música *Eu vi três*

meninas na chaminé, que aprendemos na aula de Linguagem musical e educação, disciplina ministrada pela professora Édina Regina Baumer, na quinta fase do curso de Artes Visuais - licenciatura e disse que essa era a música delas. Enquanto eu cantava, batia palmas e produzia sons com batidas na mesa pude perceber uma resposta com batidas de mãos na mesa de uma das alunas, que geralmente não se comunica, vive no silêncio do seu mundo e não responde aos estímulos. Aquela atitude da aluna me deixou surpresa e me fez questionar sobre a importância da música nas aulas de artes na educação especial.

Outro fato que me deixou mais instigada foi a fala de uma professora: *não adianta ensinar essas coisas de vida de artista, música e outras coisas da arte. Uma professora de artes queria trabalhar assim, mas é outro mundo. Aquilo ficou na minha mente e procurava respostas para aquela colocação da professora.*

Diante dessas inquietações este trabalho traz como objetivo compreender de que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical. O estudo foi realizado com professoras de Artes das APAEs do município de Sombrio, São João do Sul e Praia Grande, entre os meses de Agosto e Novembro de 2013, quando elaborei um questionário buscando respostas para o seguinte problema: De que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos? Trago também algumas questões como: Quais as possibilidades de exploração dessa linguagem com os alunos com necessidades especiais? Os professores tem conhecimento da lei que se refere a música como conteúdo obrigatório da área de artes? Se estão trabalhando a linguagem musical, de que forma a fazem, utilizam instrumentos, cantam com os alunos, propõe criações sonoras?

Busca-se com esta pesquisa compreender de que forma o ensino da linguagem musical tem sido realizado na educação especial pelos professores de artes, visando também fundamentar o professor em sua prática docente para que explore a linguagem musical.

Assim, inicialmente apresento um breve histórico sobre a história da educação especial onde cito parte da legislação que compreende a Lei de diretrizes e Bases (1996), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva (2007), o documento produzido pela Federação Nacional das APAEs (2001).

No capítulo seguinte procuro fundamentar o ensino da arte e sua

importância para a formação integral das crianças, adolescentes e jovens, especialmente no que se refere ao trabalho com as diferentes linguagens da arte nas escolas, a partir dos estudos de Almeida (2004), Buoro (2003), Iavelberg (2003), LDB (1996), Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) Vianna e Strazzacappa (2004) e Tibola (2001).

No quarto capítulo destaco a música que está presente no nosso cotidiano, uma linguagem artística muito rica e de extrema relevância para o conhecimento em arte por isso, a necessidade de sua inserção nas aulas de artes da educação básica. Além da lei da obrigatoriedade da música, trago neste capítulo Baumer (2009), Brasil (2002), Brito (2003), Ferreira (2007), Lino (2006), Queiroz (2000) e Tibola (2001).

Em seguida apresento a metodologia utilizada, o resultado da análise de dados e as considerações finais. Porém, antes de finalizar, elaboro uma proposta de curso de formação continuada para professores que desejam trabalhar com a música na educação especial.

2 EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM POUCO DA HISTÓRIA...

Oração da criança deficiente

*Bem aventurados os que compreendem o meu estranho
andar e as minhas mãos pouco habilidosas.
Bem aventurados os que sabem que meus ouvidos têm
que se esforçar para compreender aquilo que escutam.
Bem aventurados os que olham e não veem a comida
que deixo cair fora do prato.
Bem aventurados os que compreendem que me é difícil
transformar em palavras os meus pensamentos.
Bem aventurados os que sabem o que sente o meu
coração, embora eu não possa expressar.
Bem aventurados os que, com um sorriso nos lábios,
me estimulam a tentar mais uma vez [...].
(Autor desconhecido)*

No decorrer da história, o ensino na educação especial vem se desenhando gradativamente. Organizou-se como atendimento educacional especial que resultou na concepção de instituições que atendessem e contemplassem as necessidades de alunos com deficiência.

No Brasil, iniciou-se o atendimento às pessoas com deficiência no Rio de Janeiro, a partir do surgimento de duas instituições: em 1854 Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atualmente denominado IBC (Instituto Benjamin Constant) e em 1857, o Instituto dos Surdos Mudos que hoje é chamado INES (Instituto Nacional da Educação dos Surdos). Em 1926 é fundado o Instituto Pestalozzi, instituição que tinha como prioridade atendimento às pessoas com deficiência mental. No ano de 1954, é fundada a primeira APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. (MEC/SEESP, 2007). Diante desse breve histórico trago a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que será a instituição que terá ênfase neste trabalho.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais teve seu marco principal com a chegada de Beatrice Bemis:

[...] a primeira iniciativa de congregar pais de Pessoas Portadoras de Deficiências e outras pessoas interessadas em apoiá-los ocorreu no Estado do Rio de Janeiro, por iniciativa de uma mãe de criança portadora da síndrome de Down, Beatrice Bemis, membro do corpo diplomático norte-americano. Tendo participado da fundação de mais de duzentos e cinquenta associações de pais de pessoas com deficiência(s) nos Estados Unidos, a Sra. Beatrice Bemis admirava-se por não existir no Brasil, nenhum trabalho dessa natureza. (TIBOLA, 2001, p. 22).

A partir dessa iniciativa, Beatrice juntamente com pais, médicos e pessoas interessadas por essa causa levaram adiante a ideia de um trabalho que correspondesse às necessidades da pessoa com deficiência.

Em julho de 1954, a Sra. Beatrice Bemis realizou na Embaixada Americana o primeiro encontro entre pais, mestres e técnicos, interessados na questão das pessoas com deficiência, exibindo um filme sobre crianças que apresentavam deficiência mental. A partir desse primeiro encontro, foi nomeada uma comissão com o objetivo de fundar uma associação de pais de crianças que apresentavam deficiência mental, coordenada, provisoriamente, pela Sra. Maria Helena Correia de Araújo. (TIBOLA, 2001, p. 22).

Com a nomeação da comissão muitas reuniões foram realizadas a fim de organizar a associação. Conforme Tibola: “[...] no dia 8 de setembro de 1954, foi aprovado o nome a ser adotado pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais” (2001, p. 22).

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais traz em suas características principais os aspectos de uma organização social, e tem como objetivo promover a integração da pessoa com deficiência.

Com passar dos anos, a ideia foi se expandindo do Rio de Janeiro para capitais e municípios em todo o território nacional. Os resultados e conquistas alcançadas refletem o esforço do trabalho e da luta pela conquista dos direitos das pessoas com deficiência que contemplam práticas artísticas e esportivas, cuidados com a saúde entre outras formas pedagógicas que são imprescindíveis para desenvolvimento dos estudantes.

Atualmente, o ensino na educação especial é amparado por leis que destacam a importância do atendimento educacional à pessoa com deficiência. Está fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei n. 4.024/61, que apontou o direito dos *excepcionais* à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino, o que hoje se configura como educação inclusiva.

Já a Lei n. 5.692/71, que alterou a LDBEN de 1961, ao definir “tratamento especial” para os alunos com “deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”. (BRASIL 2007, p.2), não promoveu a organização de um sistema de ensino capaz de atender às necessidades educacionais especiais e acabou reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais. (http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf) o que de certa forma

contribuiu para o crescimento da educação especial. Sabe-se que muitos avanços foram realizados na perspectiva de uma educação inclusiva e de qualidade para os alunos, porém podemos perceber a importância do atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência.

Com a legislação vigente – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/96 – podemos observar que:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. [...]. (LDB n. 9.394/96).

Preocupada com a integração da pessoa com deficiência na sociedade, inclusive no mundo do trabalho, a LDB n. 9.394/96 vem ainda assegurar, para as pessoas com deficiência em idade escolar:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; [...]. (LDB n. 9.394/96, art. 59).

Como podemos observar, o ensino é garantido a todos indiscriminadamente na lei que orienta a organização da educação no Brasil. Esse documento reforça a ideia da inclusão quando se refere ao acesso dos estudantes com deficiência na rede pública de ensino regular e destaca a importância dos serviços especializados para aqueles alunos que não conseguem integrar-se nas classes comuns o que nesse aspecto valoriza o trabalho desenvolvido nas APAEs.

3 O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Início a escrita deste capítulo sobre o ensino da arte dialogando com Buoro quando diz que “Conceituar Arte não é tarefa fácil. No entanto aquele que a realiza ou estuda sempre tem dela uma concepção, mesmo que inconsciente”. (2003, p. 25). Diante de muitos progressos alcançados em torno do estudo e produção de arte, ela hoje é compreendida como patrimônio cultural da humanidade como afirma Almeida:

No meu entender, o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da educação básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer. As artes são produções conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos construímos como sujeitos humanos. (2003, p.15).

A arte nos possibilita a criação, imaginação e percepção do mundo promovendo assim uma ampliação e apropriação do conhecimento. “Na Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina no que diz respeito ao ensino da Arte, tem como pressuposto que arte gera conhecimento”. (SANTA CATARINA, 1998, p.193).

Esse conhecimento foi e ainda é construído pelo homem no decorrer dos tempos por meio da arte o homem amplia seu repertório cultural, passando a entender melhor o que está a sua volta, no mundo e produzindo cultura. Quando refletimos sobre arte e suas diversas formas educamos o nosso olhar e aumentamos nosso saber a partir das reflexões que a arte nos proporciona; com o passar do tempo essas reflexões nos possibilitam nos tornarmos seres críticos na sociedade em que vivemos. Por meio da arte cada um pode construir

[...] conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, mas, acima de tudo, possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades de arte [...] (FUSARI; FERRAZ, 2009, p.19).

A arte vai muito além de classes escolares, está presente em todos os lugares. Todo ser humano ao deparar-se com alguma forma de arte – ao entrar em contato com o mundo artístico nos espaços já instituídos ou mesmo em seu cotidiano, como a arte nas ruas da cidade – poderá vivenciar tudo que a arte proporciona e isso dependerá do olhar de cada um.

Sendo a arte uma forma completa de expressão, comunicação e imaginação é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre homens e

mulheres e tem uma função importante a cumprir; podemos perceber isso diante das várias manifestações de arte desenvolvidas. Essa relação entre as pessoas e a arte pode desenvolver o conhecimento geral como afirma Laveolberg:

A arte promove o desenvolvimento geral das competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudo, entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco na formação humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. (2003, p. 9).

Diante dessas colocações podemos perceber o quanto a arte se faz necessária nas diversas áreas de estudo e contribui para o desenvolvimento integral dos alunos. Por isso a lei que organiza a educação no nosso país, tem determinações específicas para o ensino da arte. A LDB n. 9.394/96, no artigo 26, parágrafo 2º determina que “O ensino da arte, em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (LDB n.9.394/96). Como vimos, a educação especial faz parte da educação básica, logo está contemplada pela legislação que

[...] assegura a obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica, em todos os níveis, bem como, em vários artigos, aponta o direito de todo cidadão ao exercício das manifestações de cunho artístico-cultural. Do mesmo modo, trata do direito à formação escolar plena de todo cidadão, respeitadas e atendidas as suas necessidades no processo de construção de aprendizagens, de conhecimento, de interação com seu meio natural e social, de estabelecimento das inter-relações por meio das manifestações artístico-culturais. (TIBOLA, 2001, p.18).

Através das diversas propostas educativas podemos desenvolver temas, atividades a serem explorados e vivenciados de acordo com a sensibilidade de cada um, dessa forma proporcionamos aos educandos aprendizagens significativas também por meio das produções artísticas.

Ao expressar-se por meio da Arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta. É nesse sentido que podemos vislumbrar toda a importância que a compreensão da Arte pode ter no ensino escolar. (BUORO, 2003, p.33).

Ao abordar a arte e suas linguagens nas instituições de ensino reconhecemos que ela contribui para a formação global/integral do ser humano, proporciona amplos conhecimentos, contribui para ensino de outras disciplinas, desperta imaginação, criação e interação com os colegas. Provocando e despertando, como citam Vianna e Strazzacappa:

A arte pertence ao ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos. [...] A arte propicia igualmente o exercício da sensibilidade. A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações em diversas pessoas. (2004, p.117).

Quando refletimos sobre a arte, constantemente nos remetemos a aspectos que lhe são peculiares como sentimento, emoção e subjetividade. Muitas vezes procuramos respostas para definir a arte e seus sentidos e somos levados a fazer indagações como fez o poeta: *Que a arte me aponte uma resposta*¹. Para essa colocação Vianna e Strazzacappa (2004) nos esclarecem quando dizem que uma mesma obra de arte pode propiciar sentimentos de amor e ódio, atração e repulsão. Não existe certo ou errado, pois estamos lidando com o lado sensível do ser humano.

Em arte podemos *criar e recriar mundos*, pois ela nos permite – ao fazer sem nos preocuparmos com uma forma correta, submetida a padrões predeterminados, exceto as atividades que requerem técnicas de arte – trabalhar com a subjetividade, com os sentimentos e emoções que são característicos do olhar de cada pessoa. Quando nos apropriamos da arte e suas linguagens, não precisamos de respostas, pois ela responde em nosso interior através dos sentidos. Quando digo *apropriarmos da arte* acredito que isso só é possível quando ela passa a fazer sentido para nós.

Nessa perspectiva, a arte desempenha um importante papel na educação especial, assim como é essencial em outras modalidades de ensino já que

A importância do exercício da expressão artística não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela promove, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das pessoas: a Arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive. (TIBOLA, 2001, p.13).

O ensino da arte faz com que os estudantes da educação especial se abram às novas perspectivas; por meio do uso das diferentes linguagens artísticas é possível ampliar seu conhecimento e repertório cultural, contudo sabe-se que se faz necessário contextualizar os trabalhos de arte dos educandos por meio de suas próprias reflexões e conhecimentos relacionando com o contexto sociocultural em que vivem.

¹ Metade – Oswaldo Montenegro <http://letras.cifras.com.br/oswaldo-montenegro/metade>

A Proposta Curricular de Santa Catarina esclarece que “os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical”. (SANTA CATARINA, 1998, p.194) Assim podemos concluir que todas as linguagens artísticas são fundamentais e enriquecem as aulas de artes. Dentre elas destaco, neste estudo, a linguagem musical.

4 FAZENDO MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL...

Música É ...

*Música somos todos
Música na alma
Música é alma
Música é calma
Música é o momento
Música é argumento
Música é o barulho
Música é silêncio
Música é palavra
Música é pensamento[...]
Música somos todos
Música sou eu
Música é você
Música, música...*

(Jair Oliveira)

A música é uma das formas de arte mais antiga que acompanha o ser humano. Não há relatos escritos que comprovem uma época, data exata para o surgimento da música, porém sabemos que ela está presente desde os primeiros passos na direção das descobertas que fez o homem já na Pré-história. Ferreira nos instiga quando diz:

Quem garante que o homem não pensou primeiro em cantar, talvez imitando os pássaros, antes de pensar e falar? E assim acabou descobrindo que sua voz servia para comunicar-se com os outros - homens e animais – com mais eficácia que seus gestos, por exemplo? Eis aí a música atuando como auxiliar no aprendizado de outras coisas que não dela mesma. (2007, p. 24).

No nosso cotidiano somos rodeados por uma diversidade de sons, tanto nas diversas mídias que constituem os meios de comunicação, quanto no canto dos pássaros e em outros sons produzidos pela natureza. Muitas vezes por não prestarmos atenção não observamos que som ou a música estão presentes em todos os lugares no nosso dia a dia.

Existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana. A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes. (BRITO, 2003, p. 25).

Sobre isso, Queiroz também estabelece relações quando nos diz que (...) “não se sabe de onde vem a música, nem se compreende por inteiro a música. Mas ela está presente em todas as culturas, como parte da raiz do ser humano” (2000, p. 11). Sabemos que cada povo, cada cultura tem seu jeito de fazer música, sua maneira e finalidade de cantar, tocar, manusear instrumentos específicos, enfim, produzir música.

No entanto, o estudo da música havia perdido seu espaço na escola ao longo da história da educação no Brasil até que em 2008 ganhou destaque com a aprovação da Lei nº 11.769 de 18 de Agosto que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96 no artigo 26 que trata do currículo na educação básica. A lei determina, em seu sexto parágrafo que “a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2 deste artigo” (LDB n. 9.394/96). Com essa alteração a música passa a ser conteúdo obrigatório, porém não como uma disciplina exclusiva, mas como conteúdo na disciplina de artes já que é uma linguagem artística.

A principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho comunicativo que não verbal – mais comumente utilizado. Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo. [...] A música é por essa razão, um tipo de expressão humana dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados. (FERREIRA, 2007, p. 13).

Desde que a lei 11.769/08 foi aprovada tornando obrigatório o ensino da música em todos os níveis de ensino, podemos perceber vários estudos e discussões sobre a sua importância e os benefícios da música como conteúdo a fazer parte do currículo escolar nas aulas de artes.

A inserção da música na disciplina de Arte pode contribuir, não só para a formação cultural das crianças e adolescentes, na medida em que irão ampliar seus repertórios acerca da diversidade musical de seus cotidianos, como também para a melhoria na qualidade do ensino da arte [...] (BAUMER, 2012, p. 9).

A música é uma linguagem artística muito rica, traz possibilidades em várias formas de conhecimento. É difícil encontrarmos alguém que diga não gostar de música, mesmo que cada pessoa tenha seus gostos particulares que foram culturalmente desenvolvidos.

A música é uma linguagem bem aceita em todos os níveis de ensino e na Educação Especial, o resultado não é diferente, pois os estudantes identificam-se e

gostam muito dessa linguagem. Podemos perceber isso ao observarmos seus comportamentos e reações imediatas ao ouvirem músicas/sons e por meio dos festivais² e apresentações que participam. Isso nos mostra que deficiências e limitações não têm impedido os estudantes de expressarem-se por meio da arte nas diferentes linguagens artísticas como as artes visuais, as artes cênicas e a música. Ferreira nos orienta quando diz que “nunca devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar sons, uma maneira se exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la”. (2007, p. 17).

A música como conteúdo a ser desenvolvido tem muito a acrescentar nas aulas de artes, assim como em outras disciplinas. Diante de diversos estudos realizados e experiências com ensino da música podemos perceber que a música desempenha um papel extremamente importante, estreitando relações entre os educandos, desenvolvendo habilidades, de forma a facilitar a fala, comunicação e expressão.

A Música como linguagem sonora verbal e não verbal utiliza os códigos linguísticos do ritmo, do som, da letra e da melodia – estruturada ou não, harmônica ou dissonante - respeitando as singularidades e diferenças de cada um. A Música ajuda a pessoa a manter contato com a realidade e o sentido da totalidade, não somente com aspectos abstratos do pensamento, mas em múltiplas formas que demonstram uma transformação e entendimento de novas criações musicais, podendo chegar à palavra e à verbalização. (BRASIL, 2002, p. 26).

A música desperta diferentes sentimentos, emoções e age no ser humano de acordo com o momento que cada um esteja vivenciando. Desse modo, na escola cabe ao professor buscar formas de trabalhar essa linguagem a fim de proporcionar aos seus alunos, aulas – que além de prazerosas – contribuem para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem em diversas formas de conhecimento e apreciação aumentando repertório cultural e artístico o que possibilita o desenvolvimento do conhecimento sensível tão presente nessa linguagem.

[...] a música deve ser desenvolvida na amplitude de seu acontecer, o que inclui não somente cantar *musiquinhas* no dia das mães ou melodias específicas para lavar as mãos, sentar, guardar os brinquedos, mas também, e principalmente, compor, improvisar, explorar o seu corpo como um instrumento musical, conhecer, manipular, classificar, registrar, identificar, escutar sons e músicas, tocar, movimentar-se no espaço,

² Festival Nossa Arte: Desenvolvido em etapas regionais, estaduais e nacionais, “esse evento vem trazendo novas oportunidades aos educandos com deficiência, de trabalhar em grupos, envolvendo-se e se sentindo valorizado pelo seu modo de expressão por meio da arte”. (SCARABELOTTI, 2009, p. 21).

apreciar a literatura universal da música, refletir, participar de performances, enfim, produzir e pensar a música. (LINO, 2006, p. 68).

Inúmeras são as vantagens em trazermos a música para sala de aula embora ainda seja incomum a sua presença nas escolas. Isso se deve pelo fato dos professores se sentirem despreparados mesmo que para ministrar conteúdos de música não seja necessário ser um profissional da música, ou ainda um licenciado nessa área. O fato é que “o professor de arte não precisa necessariamente ser um artista [...]”, como nos revela a Proposta Curricular de Santa Catarina. (1998, p.194).

Diante a aprovação da lei, muitos professores veem o ensino da música como um desafio, o que de certa forma é, mas isso não pode ser um motivo para que o professor não desenvolva a linguagem musical com seus alunos. Ao contrário, deve impulsioná-los a buscar e ampliar seu conhecimento por meio de formação e pesquisas de práticas pedagógicas que lhe forneça subsídios para desenvolvê-la na prática.

Essa formação deve possibilitar ao professor uma reflexão no sentido de reformular continuamente sua prática pedagógica, buscando conhecer Arte, superar dificuldades e melhor sistematizar a construção efetiva de conhecimento junto aos seus alunos. (TIBOLA, 2001 p. 51).

Tanto no ensino regular como na educação especial é necessário respeitar o contexto no qual o aluno está inserido: seus gostos que fazem parte do meio em que convive e sua cultura, mas isso não impede o professor de buscar formas e recursos para ampliar esses gostos e saberes musicais. Tibola ainda nos orienta quando diz que para a música contribuir com a formação de cidadãos “[...] é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores, dentro e fora da sala de aula”. (2001, p. 30).

Nesse contexto também cabe ressaltar a importância da apreciação estética musical levando em consideração que os alunos – indiferentemente das dificuldades que apresentam – tem o direito de experimentar essa linguagem.

Conclui-se então que para que o ensino da música seja realizado na sua totalidade o professor deve ser conhecedor, pesquisador de arte, buscando aperfeiçoar-se aprimorando seus saberes nas diversas linguagens artísticas.

5 MUSICALIZANDO NAS AULAS DE ARTES

Toda pesquisa busca por conhecer, compreender um determinado assunto, é um exercício de busca do conhecimento e aprofundamento em busca de respostas. Minayo (2009, p.16) nos afirma:

Pesquisa é a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualização frente à realidade do mundo. Portanto embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação.

O presente projeto de pesquisa sobre arte traz como título: “UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL” e surgiu a partir da minha experiência como professora admitida em caráter temporário na APAE de Santa Rosa do Sul, além do meu interesse pela música, que me levou a questionar: De que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos?

Partindo deste problema busquei compreender de que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos. A pesquisa se apresenta de natureza básica: “É aquela que procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática.” (MARCONI, 2006, p. 20). Traz a abordagem qualitativa que, segundo Goldenberg (1997, p.63) “é útil para identificar conceitos [...] Também é evidente o valor da pesquisa qualitativa para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais”.

A pesquisa se inicia com a busca da fundamentação bibliográfica, através de livros, artigos sobre o assunto, textos e outros referenciais teóricos que do ponto de vista dos procedimentos técnicos se apresenta de forma bibliográfica, “[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.” (SILVA, 2001, p. 21). E documental como Marconi nos aponta: “A característica da pesquisa documental é que a fonte da coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não.” (2006, p. 63).

Tendo em vista os objetivos, a pesquisa foi descritiva: “Delineia o que é – aborda também quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais [...]” (MARCONI, 2006, p.20). E também exploratória:

São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para realização de uma pesquisa [...]. (MARCONI, 2006, p.85).

Ainda dentro dos procedimentos técnicos a pesquisa de campo foi realizada com professoras das APAEs do município de Sombrio, São João do Sul e Praia Grande, entre os meses de Agosto e Outubro de 2013. Segundo Minayo, a pesquisa de campo “[...] permite a aproximação do pesquisador da realidade da qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade [...]” (2009, p.61). Como instrumento de coleta de dados realizei um questionário que segundo Silva:

[...] é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. (2001, p. 33).

A partir da análise dos questionários foi possível observar se os professores da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical nas aulas de artes, na qual investiguei algumas possibilidades de trabalhar a linguagem musical com alunos com deficiência. Por fim, procurei verificar se os professores tem conhecimento da lei que se refere à música como conteúdo obrigatório na área de artes.

Busca-se com esta pesquisa compreender de que forma o ensino da linguagem musical tem sido realizado na Educação Especial pelos professores de artes, visando também fundamentar algumas ideias para que o professor, em sua prática docente, explore a linguagem musical.

Dirigimos os questionários a três professoras de Arte das instituições de educação especial, já citadas acima e optamos por utilizar nomes fictícios na análise dos dados, logo, as participantes deste estudo são chamadas de Geisa, Leticia e Julia.

Iniciamos perguntando qual formação das professoras, em que ano se formaram e há quanto tempo atuam como professoras de Artes na Educação especial: Geisa se formou em 2009 no curso de Pedagogia na Unisul, está cursando a 2ª fase de Artes visuais atualmente e leciona há quatro meses na APAE. Leticia concluiu em 2005 o curso de Artes visuais na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e Julia graduou-se em 2006 também pela UNESC e

especializou-se em História da Arte no ano de 2008 pela FUCAP; ambas trabalham há mais de dez anos com a Educação especial.

Em seguida perguntamos sobre as linguagens artísticas que as professoras desenvolvem em sua experiência com a educação especial. A professora Geisa diz que desenvolve com seus alunos:

- Habilidades manuais e visuais na pintura, desenho e artesanato.

A professora Leticia e a professora Julia procuram trabalhar as linguagens artísticas como artes visuais, teatro, música e a dança.

Percebemos que a professora Geisa trabalha somente a linguagem visual, no entanto, segundo as orientações da Federação Nacional das APAEs,

[...] é necessário que o professor domine os conhecimentos em Arte requeridos nas diversas linguagens, seus objetivos de ensino e os métodos que podem ser observados quanto aos modos de ensinar. Essa construção de conhecimento, por parte do professor, deverá ter como base referencial o Referencial Curricular para a Educação Infantil, os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental: Arte, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas Tecnologias/Arte, além de toda a bibliografia de suporte nas diversas linguagens artísticas e as vivências necessárias para a sensibilização e o exercício, por parte do professor, dessas linguagens. (TIBOLA, 2001, p. 52).

Essa orientação do documento se confirma por ocasião da aprovação da lei da obrigatoriedade da música na escola, que foi aprovada somente em 2008. Quando perguntadas sobre a Lei 11.769/08 que tornou o ensino da música obrigatório em todo âmbito escolar, as professoras Leticia e Julia afirmam ter conhecimento da lei. Julia contribui dizendo:

- o meu conhecimento a respeito da lei 11.769 é que o Brasil possui uma riqueza cultural e artística que precisa ser incorporada, no seu projeto educacional. A música é uma linguagem universal, mas com muitos dialetos, pois cada povo, cada cultura tem sua maneira particular de cantar, tocar, organizar os sons, definir as notas básicas e seus intervalos e por estar intimamente ligada as emoções e ao mundo pré- verbal constitui uma linguagem privilegiada.

Já a professora Geisa diz *não ter este conhecimento*. Nesse aspecto Tibola novamente nos orienta quando diz que:

O ensino de Arte assim tratado como área de conhecimento supõe a formação contínua do professor bem como o seu exercício nas linguagens artísticas, para que ele possa orientar, de modo seguro, consistente e sensível, a formação do aluno no universo das linguagens artísticas. (2001, p. 51).

Seguimos perguntando se as professoras trabalham a música em suas aulas de artes, de que forma e quais recursos são utilizados. A professora Letícia relatou que trabalha a música por meio de *canto, danças e reflexões* e que atualmente:

- *Os alunos estão participando de um projeto com o PETI.*

Pela indicação do programa (PETI) observa-se que os alunos estão tendo oportunidade de experienciar a música, mas não nas aulas de artes, componente curricular, como prevê a LDB n. 9.394/96.

A professora Geisa reforçou que desenvolve predominantemente trabalhos manuais, mas comenta que já fez um trabalho com dança circular e música. Julia relata que desenvolve a linguagem musical com seus alunos e explica:

- *Antes de oferecermos um instrumento é necessário que haja um trabalho preparatório através do qual o aluno possa ouvir escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons.*

Julia ainda contribui quando diz que:

- *Cabe ao professor enriquecer seu repertório musical com materiais para serem explorados.*

Nessa pergunta o objetivo era perceber se as professoras utilizavam instrumentos tradicionais, alternativos ou objetos sonoros para trabalhar as questões do som e da música e pela fala da professora Julia podemos observar que são utilizados alguns recursos materiais e *o som do próprio corpo*. Porém pelas professoras Geisa e Leticia essa pergunta não foi respondida. Nessa perspectiva Lino nos encoraja

Para que possamos ser agentes dessa construção, é necessário que, enquanto professores, acreditemos que somos capazes de fazer música, ser produtores e pensadores musicais, capaz de gostar de música, arriscar-se a descobri-la, investigar, cantar, dançar, perceber, apreciar, refletir, etc. O professor deve viver a experiência sonora, passando por sua expressão e percepção que levam à comunicação; afinal, a música é uma linguagem e, como tal, um meio de comunicação. O fundamental é que você, como professor, tenha paixão de ensinar e aprender. (LINO, 2006, p. 69).

Ao questionar se os alunos com deficiência conseguem acompanhar as atividades realizadas, as professoras responderam que sim e para finalizar a pesquisa de campo, perguntamos se a música contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência e qual a importância desse ensino. A professora Geisa disse que, embora ela não tenha aplicado a musicalização em aula, consegue:

- *perceber a importância da música na educação especial, pois permite aos estudantes experimentar sensações agradáveis que conseqüentemente geram aprendizagem e sensibilidade.*

Sobre isso o documento que traz estratégias e orientações sobre artes nos diz que:

[...] a Música proporciona um desenvolvimento pleno do ser humano. Ela amplia o campo de conhecimento possibilitando a intercomunicação e a convivência na diversidade, por meio das diferentes sonoridades, mobilizando o corpo, sentimentos, afetividade, imaginação e expressividade. (BRASIL, 2002, p.25).

A professora Julia que desenvolve a linguagem musical com seus alunos não falou sobre a música especificamente e sim sobre a importância do aprendizado em arte de modo geral. Já a professora Leticia acredita

- *que a música contribui no processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, sensorial, motor, mental e social.*

Ela ainda complementa afirmando que sua importância se dá pela contribuição *na aprendizagem.*

Diante dessas e tantas outras atribuições da linguagem musical em sala de aula Tibola acrescenta

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao seu redor auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música, desenvolvendo a dimensão sensível humana inerente a essa linguagem. (2001, p. 41).

Ao refletir sobre as informações contidas nos questionários buscou-se compreender de que forma o ensino da linguagem musical tem sido realizado na educação especial pelos professores de arte. As respostas foram fundamentais para a conclusão desse trabalho e percebemos a valorização do ensino das diferentes linguagens, dentro do ensino da arte, entre elas destacando-se a linguagem musical.

As professoras trabalham a linguagem musical nas aulas de artes das APAEs por meio de canto e danças e de atividades onde o aluno possa ouvir escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir os sons. Também acreditam que com a música é possível experimentar sensações agradáveis que conseqüentemente geram aprendizagem e sensibilidade.

Durante o ano letivo de 2013 estive experimentando maneiras de trabalhar com a música nas aulas de artes na educação especial quando tive a

oportunidade de lecionar como professora admitida em caráter temporário na APAE de Santa Rosa do Sul. Nesse período procurei desenvolver com meus alunos as diferentes linguagens artísticas, entre elas a música. Apesar de não ter experiência em trabalhar a linguagem musical na educação especial realizei diversas atividades: percepção sonora e desenho, conhecendo os instrumentos onde os estudantes tocaram e perceberam sons, produzimos cartaz sobre classificação dos instrumentos de sopro, corda e percussão, produzimos instrumentos com materiais alternativos, tocamos e cantamos músicas diversas. Os estudantes responderam bem as atividades e experimentaram a música.

Com essa experiência aprendi que o professor deve ser mediador e propositor se tiver como objetivo que as atividades realizadas sejam significativas para os alunos assim como para ele próprio. Sugere-se então um curso/oficina de formação continuada para professores de artes da educação especial a fim de subsidiar atividades e experiências que possam contribuir para a presença da música nas instituições de ensino.

6 PROJETO DE CURSO – FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES

TÍTULO: Oficina de musicalização: Fazendo música nas aulas de artes.

JUSTIFICATIVA:

A partir das falas dos professores podemos perceber a importância da arte e a valorização do ensino da música. Por ser uma linguagem relevante é necessário que se busque meios para realizá-la em sala de aula, mas para que isso aconteça é necessário que o professor tenha esta vivência e tenha a consciência de que

[...] todos podem e devem fazer música, para que possam desenvolver e ampliar suas possibilidades musicais, ressaltando que a música, como qualquer outra disciplina, tem uma trajetória de desenvolvimento que deve ser construída pela criança paulatinamente, com a intervenção do professor, que deve conhecer, respeitar e promover esse caminho, buscando atividades significativas que se adaptem a cada etapa do desenvolvimento musical das crianças. (LINO, 2006, p.70).

O professor precisa experimentar as linguagens artísticas para que possa desenvolvê-la com seus alunos. E isso não deve se restringir somente durante a sua fase acadêmica e sim constantemente a fim de buscar novos caminhos para que a aprendizagem dos alunos seja significativa e também para o professor.

“Muitos professores e professoras, ao pensarem que só pode trabalhar linguagem musical quem *sabe* música, deixam de experimentar e criar sons”. (ASSANO, 2000. p. 20). Embora muitos se sintam despreparados, a música é uma linguagem que pode ser explorada por todos basta sentir, criar e recriar sons.

OBJETIVO GERAL

Oportunizar aos professores de artes da educação especial um contato significativo com a música, proporcionando experimentações e vivências que resultem na ampliação de conhecimentos sobre o ensino da música.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender o conceito de música

Conhecer leis e referenciais teóricos sobre o tema

Refletir sobre os conteúdos referentes à linguagem musical

Proposta de carga horária:

Teóricas: 5 horas-aulas

Práticas: 10 horas-aulas

Total: 15 horas-aulas

Público alvo: Professores de artes da educação especial

EMENTA: A importância do ensino da música.

METODOLOGIA:

1º Encontro –

A oficina de musicalização para professores será realizada no centro de múltiplo uso de Santa Rosa do Sul. No primeiro momento convidarei para que cada um(a) se apresente dizendo seu nome e respondendo o que o fez participar da oficina. No momento seguinte faremos a atividade de apreciação “pintando a música” onde colocarei uma música (a escolher) e os participantes de olhos fechados irão desenhar, pintar com linhas traços entre outros, aquilo que sentiriam a partir da escuta da música. Em seguida faremos uma apresentação de slides com tópicos segundo autores discorrendo sobre documentos/leis oficiais norteadores da educação e do ensino da música. Durante a apresentação iremos dialogar e refletir sobre as necessidades e possibilidades de se trabalhar a música na educação especial.

2º Encontro –

No segundo encontro iniciaremos dialogando sobre música na escola e suas possibilidades. Em seguida mostrarei dois pequenos vídeos do grupo Pentatônics que faz música utilizando somente a voz reproduzindo também sons dos instrumentos e do grupo Stomp que utilizam mais variados objetos para produzir sons. Depois de vermos os vídeos, conversaremos sobre a disponibilidade de instrumentos ressaltando que podemos fazer música de várias formas utilizando o próprio corpo o que acende possibilidades no ensino da música. Depois desse

momento disponibilizarei diversos objetos sonoros como garfos, colheres, pratos, copos, latas entre outros para que, em grupos, possam realizar produções sonoras. Faremos a divisão dos grupos e cada grupo irá criar uma pequena produção sonora para apresentar ao final do encontro.

3º Encontro –

Neste terceiro e último encontro retomaremos algumas falas dos encontros anteriores ressaltando a importância da música em sala de aula. Em seguida partiremos para produção de instrumentos com materiais alternativos visando o reaproveitamento e reciclagem de materiais que podem contribuir muito dentro do contexto das escolas. Depois de prontos, cada participante dará o nome do seu instrumento. Os instrumentos produzidos serão sorteados no final da oficina entre os participantes que levarão para sua instituição de ensino. Entregarei um cd com os vídeos, apresentação de slide, sugestões de leituras e imagens. Para finalizar agradecerei a todos e cantaremos a música³:

*Eu quero apenas olhar os campos
Eu quero apenas cantar meu canto
Eu só não quero cantar sozinho
Eu quero um coro de passarinhos*

*Quero levar o meu canto amigo
A qualquer amigo que precisar
Eu quero ter um milhão de amigos
E bem mais forte poder cantar
Eu quero ter um milhão de amigos
E bem mais forte poder cantar [...]*

REFERÊNCIAS

ASSANO, Christiane Reis Dias Villela. Um pequeno divertimento de garrafas, sapatos e cacarecos. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). Múltiplas linguagens na escola Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 20 p.

LINO, Dulcimarta Lemos. Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah, tocar também. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 6. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 70 p.

³ Eu quero apenas. Autor: Roberto Carlos <http://letras.mus.br/roberto-carlos/48596/>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música sempre teve presença marcante em minha vida por isso um dos motivos da minha escolha pelo curso de Artes Visuais se deu pelo fato da música ser uma linguagem artística. Em 2010 comecei trabalhar com a linguagem musical no ensino regular, trabalho que tenho muito prazer e encanto em realizá-lo. Vejo a música um conteúdo, uma linguagem muito rica a ser explorada.

A música havia perdido seu espaço nas instituições de ensino, mas desde que foi aprovada a Lei 11.769/08 tornando a música como conteúdo obrigatório nas aulas de artes, muitos professores enfrentam o desafio de levar para seus alunos propostas de aprendizagem significativas nessa linguagem, mesmo que não sejam necessariamente músicos. Entre esses professores, estão os que atuam na educação especial.

Conforme o estudo realizado ficou claro que as professoras participantes – professoras de Artes de algumas APAEs da região do extremo sul catarinense – reconhecem a importância do ensino da música. Ficou evidente também que a linguagem musical é desenvolvida nas aulas de artes na educação especial de várias formas a partir de atividades que envolvam reflexões sobre músicas, canto, dança, onde o aluno possa ouvir escutar, perceber, descobrir, imitar, repetir sons e produzir sons com o próprio corpo. O que veio ao encontro de um dos meus objetivos que era investigar algumas possibilidades de trabalhar a linguagem musical na educação especial.

A partir do desenvolvimento dessa linguagem entendemos que é possível experimentar sensações prazerosas que conseqüentemente geram aprendizagem e sensibilidade. Podemos perceber que a maioria das professoras tem o conhecimento da lei da obrigatoriedade da música o que é um grande passo para que a linguagem musical seja valorizada e desenvolvida nas instituições de ensino.

A música traz muitas contribuições para os alunos da educação especial sendo que é uma linguagem apreciada por todos e proporciona o desenvolvimento pleno do ser humano, pois possibilita a aproximação com o outro, a comunicação, a expressividade indiferente da deficiência que possuam.

Portanto, os professores devem enriquecer seu repertório musical para ampliar o conhecimento dos alunos sobre os diversos tipos de música e devem se conscientizar de que todos podem criar e recriar sons, inventar e reinventar músicas.

As práticas educativas no ensino da arte precisam contemplar as linguagens artísticas e para que isso aconteça na sua totalidade os professores de artes da educação especial devem estar atentos em constante processo de busca e aprendizagem a fim de ampliar seus conhecimentos que conseqüentemente refletirão em sala de aula gerando novos conhecimentos em seus alunos.

Finalizo acreditando que o importante é construirmos propostas significativas que possam oportunizar aprendizagens que resultem no desenvolvimento integral dos alunos da educação especial por meio da arte e suas linguagens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: Sueli Ferreira. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3.ed Campinas, SP: Papirus, 2004.
- BAUMER, Édina Regina. A música no ensino da arte: relações entre linguagens ou interdisciplinaridade? In: **Anais do IV Simpósio sobre Formação de Professores – SIMFOP. Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus de Tubarão**. Tubarão, de 7 a 11 de maio de 2012. 9.p
- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Estratégias e orientações sobre artes: Respondendo com Arte às necessidades especiais**. Brasília: FNDE/MEC. 2002
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> acessado em 18 de outubro de 2013, 20:35
- _____. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial e perspectiva na Educação Inclusiva: MEC/SEEP. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> 24 de outubro de 2013, 18:20
- _____. Secretaria de Educação Especial. **Estratégias e orientações sobre artes: Respondendo com Arte às necessidades especiais**. Brasília: FNDE/MEC. 2002
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Um olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Resende e. **Metodologia do ensino da arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- LINO, Dulcimarta Lemos. Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah, tocar também. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plática, musical e dramática no cotidiano da criança**. 6. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 68-69 p.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. **A música compõe o homem, o homem compõe a música**. São Paulo: Cultrix, 2000.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais**. Florianópolis, SC: COGEN, 1998.

SCARABELOT, Bruna. **Fazendo arte na educação especial: considerações sobre o Festival Nacional Nossa Arte - edição regional**. 2009. 52 f. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009 Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000040/000040F.pdf%20pronto.pdf>>. acessado em: 01 de novembro de 2013.

SILVA, Edna Lúcia da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva, Eстера Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual.– Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

TIBOLA, Ivanilde Maria; **Arte, cultura, educação e trabalho**. Brasília, DF: Federação Nacional das APAEs, 2001.

_____. Ivanilde Maria; APAE educadora – a escola que buscamos: **proposta orientadora das ações educacionais**. Brasília, DF: Federação Nacional das APAEs, 2001.

VIANNA, Tiche; Strazzacappa, Marcia. Teatro na educação: Reinventando mundos. In: Sueli Ferreira. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3.ed Campinas, SP: Papyrus, 2004.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS, HUMANIDADES E EDUCAÇÃO - HCE
CURSO DE ARTES VISUAIS**

Eu Graziela Melo Trajano, acadêmica do curso de Artes Visuais- Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, venho através deste questionário, buscar respostas que irão subsidiar minha pesquisa que tem como tema: Um olhar sobre a linguagem musical na educação especial.

Nome do professor (a): _____

Escola que atua: _____

Questionário:

- 1- Qual sua formação? Quando e onde ela aconteceu?
- 2- Há quanto tempo você leciona como professor (a) do ensino da arte na educação especial?
- 3- Em sua experiência com educação especial, você desenvolve um trabalho com quais linguagens artísticas?
- 4- Qual seu conhecimento em torno da lei 11.769 que torna o ensino da música obrigatório em todo âmbito escolar?
- 5- Trabalha em suas aulas de artes, a música? De que forma?
- 6- Se sim, quais recursos você costuma utilizar nas aulas de artes para abordar a linguagem musical?
- 7- O aluno com deficiência consegue acompanhar as atividades realizadas?
- 8- A partir de sua vivência de que forma o ensino da música pode contribuir para o desenvolvimento do aluno com deficiência?
- 9- Em sua opinião qual a importância do ensino da música na educação especial?

Assinatura do (a) participante: _____

AUTORIZAÇÃO – PESQUISA COM PROFESSORES

Eu, _____
portador do RG _____ (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa: Um olhar sobre a linguagem musical na educação especial. (Trabalho de Conclusão de Curso) de Graziela Melo Trajano acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como um dos objetivos: Compreender de que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos.

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, agosto de 2013

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

O (a) sr(a): _____ Diretor da _____ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados dessa pesquisa com professores de artes, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos: Compreender de que forma os professores de artes da educação especial estão desenvolvendo a linguagem musical com seus alunos. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar nesta pesquisa, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. A coleta de dados será realizada pela acadêmica Graziela Melo Trajano – Fone: (48) - 88415797 da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Édina Regina Baumer – Fone: (48) - 96098750

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2013.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição

